

Poucos campos do pensamento psicanalítico têm demonstrado a fecundidade e a vivacidade de opções epistemológicas que se encontra em psicossomática. A leitura desta bela coletânea é recomendável antes de mais nada por ter-se ali sabido recolher e transmitir tal riqueza. Trata-se de um raro exemplo de *democracia epistemológica*, num domínio onde os projetos de reflexão redundam com frequência numa espécie de *ecumenismo do conhecimento*. A diferença é clara: enquanto no primeiro caso a diferença de abordagens age enquanto condição de uma organização aberta para o imprevisível, no segundo caso, esta organização se alimenta secretamente do sonho de previsibilidade total, através da uniformização das diferenças. Pois bem, os autores e organizadores de *Psicossoma II*, souberam cuidar do *logos* que se nutre da heterogeneidade e este é um dos méritos deste livro.

O campo da psicossomática psicanalítica é abordado inteligentemente por cinco temas básicos, que funcionam, no meu entender, como fóruns de debate: I. Novas perspectivas em psicossomática; II. Psicanálise e psicossoma; III. Psicossomática da Criança; IV. Saúde mental, psicossomática e trabalho; V. A psicossomática na formação e a formação em psicossomática. Cada um destes fóruns conta com uma introdução que apresenta ao leitor os principais pontos de referência e os elementos específicos das discussões que irá encontrar. Trata-se de um detalhe útil que demonstra cuidado e respeito pelo leitor, capacitando-o para que julgue por si próprio as virtudes de cada texto.

Antes de mais nada, contudo, deve-se aqui felicitar a primorosa introdução de Rubens M. Volich que em poucas páginas é capaz de oferecer um panorama simultaneamente exato e completo da história do movimento psicossomático a partir da psi-

As falas do corpo e a fecundidade da indagação

Resenha de Rubens Marcelo Volich, Flávio Carvalho Ferraz e Maria Auxiliadora de A.C. Arantes (orgs.), Psicossoma II : psicossomática psicanalítica, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1998.

canálise. Trata-se de um texto de referência a qualquer um que deseje trabalhar o assunto.

I. Novas perspectivas em psicossomática

Sônia Maria Rio Neves introduz este primeiro fórum pontuando sucintamente, mas com extrema precisão, os pontos histórico-epistemológicos da psicossomática psicanalítica. Abre assim a arena de uma discussão apaixonada e apaixonante.

No texto de Christophe Dejours, o leitor é imediatamente colocado no centro do debate. Opondo-se frontalmente a Pierre Marty, que reconhece contudo enquanto mestre nas paragens psicossomáticas, Dejours apresenta duas posições fortes. *Primo*: recusa toda e qualquer previsibilidade em psicanálise (p. 41), procurando reabilitar a noção de *acontecimento*. Isto é importante num terreno que tradicionalmente se aproxima de uma abordagem médica do sintoma, onde deve-se e pode-se prevenir o sofrimento, que nada tem em comum com o sujeito que sofre. *Secundo*: afirma a primazia da intersubjetividade sobre a intrasubjetividade, compreendendo assim o distúrbio somá-

tico enquanto dirigido a alguém. Este segundo ponto me pareceu ser o mais extensamente apresentado pelo autor. O adoecimento somático, para Dejours, não está determinado pela insuficiência relativa de representações do pré-consciente frente ao excesso de energia, como dizia Marty, mas por *falhas na cartografia do corpo erógeno*. O evento somático tem assim um interlocutor. O corpo erógeno seria uma subversão do corpo biológico, criado a partir do *brincar* da criança, através das funções fisiológicas, com os próprios pais. A partir daí, as falhas do brincar, - e podemos supor que sempre existirão, pois não é possível imaginar que u'a mãe seja capaz de brincar com todas as funções dos seus filhos- implicarão em zonas de fragilidade do corpo erógeno. Na ausência da capacidade subversiva do corpo erógeno, as pulsões e as excitações seriam incapazes de se dramatizar. As doenças somáticas seguiriam assim um padrão inscrito nas falhas corporais do erotismo.

Wilson de Campos Vieira, como todos sabem, tem um lugar histórico na introdução da psicossomática, em geral, e do pensamento de Marty, em particular, enquanto campo de reflexão e de clínica em São Paulo. Este pioneiro apresenta aqui todo o rigor de sua reflexão ao opor as concepções de P. Marty com aquelas de Michel Fain a respeito da pulsão de morte e suas consequências clínicas. Procede assim a uma verdadeira "desconstrução" da potencialidade clínico-epistemológica da noção de "procedimento auto-calmanante" elaborada e introduzida por Gérard Zweck e Claude Smadja. Os procedimentos auto-calmanantes seriam, segundo estes autores, formas "subclínicas" do pensamento operatório, capazes de sustentar por certo tempo um excesso de excitação, e assim prevenir uma eclosão somática. A noção de "procedimentos auto-calmanantes" é inspirada na interpretação de Fain da pulsão de morte enquanto uma tendência à inexcitabilidade que age pelo sujeito diante de traumatismos prematuros. Com efeito, a pulsão de morte seria, segundo Fain, a verdadeira origem do pensamento operatório e da propensão às doenças. Ora, contesta W. C. Vieira, os casos de traumatismo precoce deveriam, neste raciocínio, ter igualmente gerado somatizações precoces. Sem poder estender-me sobre seus outros interesses, o leitor encontrará aqui, uma argumentação exemplar de metodologia em pesquisa psicanalítica.

II. Psicanálise e psicossoma

"... há mais mistérios entre o soma e a psique do que podemos compreender, e do que o nosso pensamento, marcado por uma lógica dualista e deter-minista, pode expressar."

Com sua elegante simplicidade, Márcia de Mello Franco assim indica um dos insuspeitáveis desafios deste livro. A saber, na impossibilidade de tudo ver com clareza, pelo menos ver claramente as obscuridades da falsa evidência do termo *psicossomática*. Neste segundo fórum, encontrará o leitor um seguimento conseqüente do que encontrou no primeiro, a saber um desdobramento das *hipóteses* sobre os modos de relação entre o psíquico e o somático.

Num artigo exemplar em psicanálise, pela contigüidade da reflexão teórica com o exercício clínico, Fernando Rocha levanta novas possibilidades para o esclarecimento dos eventos somáticos em relação aos psíquicos. Paralelamente à hipótese de P. Marty, que aponta para a *insuficiência neutra* das representações simbólicas frente a um *quantum "x"* de afeto, F. Rocha, a partir da análise de uma mulher que desenvolveu tumores no seio após o suicídio de sua mãe, introduz a idéia de que esse *quantum* seja em si mesmo uma *violência dirigida*, seja ao corpo, seja ao psiquismo (p. 78), e, retomando Joyce McDougall, levanta a possibilidade que os sintomas somáticos sejam uma *forma primitiva da comunicação, uma linguagem arcaica*. Utiliza assim de modo não dogmático a fértil ambigüidade entre a *intencionalidade* e a *não-intencionalidade* do evento somático em psicanálise. Entre os vários pontos interessantes deste texto, gostaria de chamar a atenção especialmente para aquele de *historicidade corporal constitutiva* no ser humano, dada a prematuridade deste último.

O rigor e a inteligência de Décio Gurfinkel se confirmam mais uma vez num artigo de amplas conseqüências para a escuta, não somente a escuta psicossomática, mas sobretudo a escuta analítica da "neurose normal". Seus leitores antigos já aprenderam que ele não "dá pon-

to sem nó" e que não irão sair incólumes de um texto seu. Aqui, a partir de um trabalho exegético da obra de Winnicott, Gurfinkel traz à tona uma realmente nova e interessante abordagem da disfunção somática, onde ela seria correlato do *false-self*. Se ambos os fenômenos são pensados como correlatos, há um "terceiro termo" na origem dos dois: trata-se da *integração* do psicossoma enquanto tal. A integração se apresenta assim como um processo, ou uma série de acontecimentos entre o corpo e a mente, que não é redutível a nenhum destes dois elementos, os quais, na verdade, dela dependem para seu amadurecimento. A verdadeira doença *psicossomática* está, segundo o esquecido Winnicott resgatado por D. Gurfinkel, para além do corpo e da mente, na *dissociação* entre ambos. Será esta *dissociação* que deverá ocupar e organizar uma forma *sui-generis* de cuidados pluridisciplinares com o paciente psicossomático.

Este belo fórum se encerra com as interessantes contribuições de P. Cecarelli a respeito dos "Destinos do Corpo". Para tanto, o autor busca refletir sobre o fenômeno psicossomático através do transsexualismo enquanto paradigma da determinação fantasmática do inconsciente materno sobre o corpo infantil. A partir do desacordo entre a identidade corporal e o corpo anatômico do sujeito, P. Cecarelli localiza assim a especificidade do padecimento corporal em psicanálise entre o registro pulsional e o discurso. Trata-se de uma hipótese pertinente que retoma o papel ativo do inconsciente materno na temática da dissociação psique/soma.

III. Psicossomática da criança

Ângela Penteado abre este fórum tomando o leitor pela mão e conduzindo-o com cuidado e respeito até onde tenha condições de caminhar por si próprio. Com efeito, os personagens mais importantes da psicossomática da criança, a saber, Spitz, Kreisler e Debray, são retomados e uma breve apresentação de sua obra é feita. Assim, tendo realizado os prolegômenos necessários, o leitor pode apreciar toda a originalidade dos textos desta parte.

Wagner Ranña, por exemplo, recoloca habilmente a noção de pulsão no centro da questão psicossomática ao apresentá-la enquanto um *resultado*: aquele da articulação entre um processo qualitativo, representacional, e um processo qualitativo, a *catexia (die Besetzung)*. A partir daí, o autor retoma a finalidade do aparelho psíquico como sendo aquela de "transformar excitações em representações", redimensionando o papel da linguagem nos processos fisiológicos do ser humano: de puro efeito, a linguagem passa a ser condição para o amadurecimento biológico. Trata-se de uma contribuição original da psicanálise para uma medicina do humano, e não uma medicina pensada como simples aplicação no humano da ciência biológica. As conseqüências epistemológicas desta posição não são pequenas. Neste sentido, o autor aborda a questão pelo fascinante vértice do ponto de vista *genético*, campo no qual a psicossomática da criança tem, sem dúvida, um ponto de observação privilegiado. Assim, o desenvolvimento infantil permite estudar formas incipientes da transformação da excitação em representação, assim como suas falhas. Será a

partir deste ponto de vista genético que o autor apresentará, a partir de um caso de uma menina com distúrbios alimentares, uma interessante discussão sobre a *sucessão sindrômica*, isto é "os sintomas relacionados com os movimentos progressivos e regressivos de sua organização psíquica".

Lídia R. F. de Castro, dá continuidade à metodologia genética em psicossomática através do estudo dos distúrbios do sono: o terror noturno, as cólicas do terceiro mês e o nanismo. Examinando os distúrbios do sono, a autora salienta a importância fundamental do seu papel de pára-excitações. Este deslocamento do ponto de vista dinâmico para o econômico tem grandes conseqüências. Com efeito, a abordagem da função econômica do sono e dos sonhos mostra-se como uma revolução na interpretação dos seus distúrbios, que tendem a ser exclusivamente pensados a partir do paradigma da histeria. Vemos aqui que o sonho é mais do que "o guardião do sono", sendo de certa forma guardião do bom funcionamento corporal.

Domingos Paulo Infante demonstra, numa rápida e eficiente apresentação, todo o interesse da obra de Lacan no campo da psicossomática. Com efeito, Lacan sugere que um tipo de gozo específico seria a chave do enigma da psicossomática. Há também a possibilidade de abordar o fenômeno psicossomático a partir da hipótese de uma separação dos três registros. Aqui, o autor previne contudo contra interpretações causalistas: a passagem entre os registros não admite a categoria da *causalidade*, apenas a do *acontecimento*. Não se poderá assim chamar o fenômeno psicossomático de *sintoma*, ele se coloca na ordem do *gozo*. Entre outras conseqüências, resulta a necessidade de uma distinção clínica: aquela entre *fenômeno psicossomático*

e manifestações psicossomáticas na infância, as quais seriam mais precisamente vicissitudes de uma ordem subjetiva que se instala no corpo do *infans*, isto é, no corpo não-falante.

IV. Saúde mental, psicossomática e trabalho

Na introdução a este quarto fórum Maria Auxiliadora Arantes reflete sobre os limites da escolha, o potencial patogênico das formas de trabalho atuais e o *stress*. Podemos assim avaliar a complexidade dos cruzamentos entre saúde mental e labor. O trabalho e a saúde (mental e física) é um terreno rico de contradições, que, de modo privilegiado, confronta o ser humano com a fatalidade de um sistema que o transcende. Tal transcendência indica que diante dos males e bens provenientes do trabalho o indivíduo encontra sua liberdade apenas no interior de um universo trágico. Esta temática será diversificadamente trabalhada nos capítulos subseqüentes.

Flávio Ferraz parte da insuspeitável observação que o potencial psicopatogênico do trabalho já fora incipientemente concebido por Marx, através do conceito de alienação. Dentro do campo psicanalítico, prossegue ao retomar os traços essenciais da teoria freudiana da civilização como tendo sido construída às expensas da liberdade pulsional. Com efeito, sem que o percebamos, somos levados em dois passos ao fundamental papel da sublimação na economia psicossomática. Com efeito, as possibilidades sublimatórias são cada vez menores sob a regência de formas hegemônicas do *taylorismo* na atualidade, onde a *administração total* é talvez a característica mestra de todas as formas de relação da sociedade, desde o trabalho até o lazer. Assim, com um agudo diagnóstico

da *psicopatologia da vida operatória do cotidiano*, a esfericidade deste texto se impõe com todas as conseqüências já anunciadas em seu título: "O Mal-estar no Trabalho".

Entre os méritos do texto de Leny Sato, gostaria de sublinhar a maturidade metodológica com a qual aborda os dados epidemiológicos. Em sua pesquisa sobre a relação entre os problemas de saúde e as condições de trabalho de motoristas de ônibus urbanos, L. Sato levanta questões de pertinência para o campo da psicologia do trabalho como um todo, tais como a noção de "epidemiologia do senso comum" e o desenvolvimento de "mecanismos adaptativos", isto é, formas de adaptação e controle do *stress*.

Marcília de Araújo Medrado Faria apresenta importantes dados sobre o potencial etiológico do trabalho em inúmeras patologias mentais e orgânicas e examina os principais conceitos e metodologias que têm sido utilizados da articulação entre biologia, psicossomática e trabalho. A autora salienta, a respeito deste segundo campo de pesquisa, o papel central da noção de "alienação" e de "*stress*" enquanto conceitos capazes de encontrar uma positividade nestes três domínios. Este direcionamento de sua investigação encontra sua justificação na conclusão do texto, onde a autora demonstra que o rigor acadêmico deve servir à responsabilidade ética, motor fundamental de qualquer atividade de pesquisa.

V. A psicossomática na formação e a formação em psicossomática

Bernardo Bitelman introduz este último fórum chamando a atenção para as peculiaridades e dificuldades da formação em psicossomática para os médicos, psicólogos e psicanalistas. Segundo o autor, a aplicabilidade dos conceitos da psicossomática não deveria se restringir a uma clínica individual e privada, sen-

do de extrema importância nas instituições assistenciais, de ensino e de pesquisa.

Milton de Arruda Martins aponta a multicausalidade como marca da medicina do século XXI, enfatizando a necessidade premente do diálogo interdisciplinar. A fragmentação do ser humano se evidencia já no ensino médico, onde a separação dos aspectos psicológicos e biológicos e a divisão do ser humano se concretizam nas diferentes especialidades e sub-especialidades. A partir daí, com um texto sucinto e claro, Martins nos introduz no universo médico convidando-nos a refletir sobre as vicissitudes da formação médica na atualidade. O autor relata a experiência que vem sendo realizada no Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da USP, que visa permitir ao estudante de medicina reintegrar seus conhecimentos e obter uma visão do ser humano no processo de adoecimento. Introduziu-se assim a figura do "tutor", que deve concentrar na figura de um só professor essa variedade de abordagens, facilitando para o aluno a visão do paciente como um todo.

O excelente texto de Sidnei José Cazeto concentra-se na formação do psicólogo. Descrevendo as concepções de psicossomática mais frequentes entre seus alunos, justifica a necessidade de um verdadeiro trabalho de desconstrução da *psicossomática do senso comum*, ancorada fortemente em crenças e preconceitos. Salientando com bastante pertinência a complexidade da questão "psicossomática" na atualidade e problematizando a inclusão da disciplina no curso de psicologia, Cazeto nos convida a refletir sobre uma instigante e fundamental questão: trata-se de incluir a

psicossomática enquanto uma especialidade a mais, ou de inseri-la através de outras disciplinas, como a psicologia do desenvolvimento, a psicopatologia, fazendo-a espalhar-se pelo currículo?

Concluindo esta última parte, o precioso texto de Rubens Marcelo Volich nos guia com maestria na escuridão do túnel, até a voz que apresenta a própria dúvida em sua *função formativa*. Destacando o processo identificatório nas escolhas profissionais, Volich apresenta sua concepção de um curso de psicossomática pós-universitário aberto a todos aqueles que se interessam pelas questões do desenvolvimento humano, da saúde e do adoecer. O autor salienta o interesse para o aluno em formação do confronto com dimensões do funcionamento humano que foram colocadas em segundo plano pela especificidade dos seus estudos de origem. Tomando como modelo o curso de psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae, onde a psicanálise é a referência fundamental, Volich descreve as linhas gerais de um curso onde se agrupariam entre as disciplinas psicanalíticas, médicas, e principalmente, psicossomáticas, sem esquecer as instituições de saúde. O autor sugere ainda a importância do trabalho profilático da psicossomática junto à comunidade e ao trabalho institucional.

Para concluir, posso apenas reiterar os múltiplos interesses desta inteligente obra coletiva e felicitar a esmerada organização de Rubens Volich, Flávio Ferraz e Maria Auxiliadora Arantes. Recomendando aos interessados uma leitura sem pressa, para assim usufruir de todos os matizes de um livro rico em saberes e sabores.

Nelson da Silva Júnior, psicanalista, doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Paris VII. Pesquisador no Departamento de Psiquiatria da UNIFESP.